

EXPERIMENTOS EM DANÇA NA PANDEMIA: SOLIDÕES REGURGITADAS E INTERSECCIONADAS EM MOVIMENTO

Cassiana da Rocha Gonçalves
Sílvia da Silva Lopes

Resumo: Fazendo parte do Projeto de Extensão "Criação em Dança: Experimentos em Tempos de Pandemia" da Graduação em Dança: Licenciatura da UERGS, a obra Solidões Regurgitadas e Interseccionadas em Movimento é composta por uma dramaturgia da dança, que surgiu a partir de reflexões sobre o isolamento na pandemia. Tem como objetivo expressar através da dança a solidão vivida por mulheres em tempos de pandemia e fora dela. É composta por quatro partes. A primeira, intitulada "Como se o Trem Falasse", trata-se de uma dramaturgia da dança que se inspira em um trem que passa pela estação ferroviária, apita, mas não para. Relaciona o momento atual de isolamento com uma época do passado, em que os trens permitiam a ligação entre as pessoas. Através da linguagem da dança, três personagens velhas, cada uma com suas características, vão expressar a solidão que sentem por estarem isoladas e abandonadas. Ao som do motor e apito do trem são desencadeadas lembranças, sofrimento e esperança de que alguém vai chegar e acabar com a sua solidão. O desenrolar da obra se dá com a segunda, terceira e quarta parte, através da criação de solos, intitulados "Infartada de Solidão", "Migalhas" e "Iludindo a Solidão" em que cada velha vive uma época de sua vida: juventude, fase adulta e velhice, respectivamente. Através desse experimento de criação em dança buscamos investigar alguns atravessamentos históricos, culturais e sociais sobre a solidão da mulher, e como isso se manifesta em sua velhice.

Palavras-chave: Solidão; Mulheres; Dança

Fazendo parte do Projeto de Extensão "Criação em Dança: Experimentos em Tempos de Pandemia" da Graduação em Dança: Licenciatura da UERGS, a obra Solidões Regurgitadas e Interseccionadas em Movimento é composta por uma dramaturgia da dança que surgiu a partir de reflexões sobre o isolamento das mulheres na pandemia, que impactou a vida de muitas, como algumas mulheres velhas, que ficaram isoladas em suas casas, perdendo o contato que tinham com filhos, amigos e parentes. Tem como objetivo expressar, através da dança, a solidão vivida por mulheres em tempos de pandemia e fora dela. Motta (2010, apud COLLING E PINTO, 2020, p. 70), afirma que:

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

> [...] muito se produz sobre a velhice. Há uma vasta literatura sobre o tema, mas "mulher velha" como categoria de análise é algo raro de ser encontrado. Mas, as velhas também existem, diz ela. Para Motta, a produção atual homogeneíza, universaliza, um sujeito social que é heterogêneo, multifacetado, plural. Assim como as mulheres, a velhice não existe singularmente, existem *velhices*, que variam, como por exemplo, sexo/gênero, a raça/etnia, geração e classe social.

A partir desta perspectiva, nesta pesquisa usaremos a expressão mulher velha, considerando-a como um sujeito social. Assim, criamos a obra, a partir da constatação obtida pela experiência familiar e social, e também pela realização de entrevistas. Inspirados pela imagem de um trem que chega à estação aproximando e afastando as pessoas, está sendo possível a criação em dança que explora alguns dos sentimentos vividos na pandemia. Assim, este experimento busca investigar alguns fatores históricos, sociais e culturais que podem influenciar para que a velhice de muitas mulheres seja solitária, dentro e fora da pandemia.

Um instrumento que compõe as metodologias de pesquisa foi as entrevistas realizadas com duas mulheres velhas. O material coletado nas mesmas permitiu trazer para a dramaturgia da dança sentimentos, expressões, movimentos do corpo envelhecido, lembranças e saudades de épocas vividas, servindo como motivação para as improvisações que resultaram em várias cenas. Nas entrevistas também foi possível adentrar um pouco no mundo de cada uma das entrevistadas, compreendendo o que diz Le Breton (2018) sobre a velhice depender da forma como as pessoas se relacionam com o mundo e com os seus sonhos.

Ao realizar as entrevistas foi possível perceber os sentimentos por trás das narrativas, expressando-os através de improvisações de dança para a criação coreográfica. Coletamos rico material, comum nas duas entrevistas:

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

- as entrevistadas sentem muita saudade de épocas das suas vidas: infância e juventude;
- tem o seu espaço e rotinas particulares e tem o desejo de mantê-lo;
- tem o convívio social com a família;
- procuram ocupar-se com as tarefas domésticas, assistem novelas e programas na televisão para não dar muito espaço para a solidão.

Uma das entrevistadas, apesar de ter convívio social com parte da família, justifica que os demais filhos não a procuram e não atendem suas necessidades por não terem tempo.

Então, na criação do experimento em dança buscamos explorar alguns dados presentes nas entrevistas e nos referenciais teóricos estudados, principalmente a submissão da mulher em nossa sociedade, a desigualdade de gênero, as limitações físicas e dificuldades emocionais e o abandono na velhice, conforme descrito a seguir em cada uma das quatro partes da obra.

A primeira parte, intitulada “Como se o Trem Falasse”, tem como espaço cênico um ambiente vazio com apenas três cadeiras, acentuando a ideia de solidão, simbolicamente a casa em que as velhas moravam, a qual ficava perto dos trilhos em que passava o trem. O apito desse despertava nelas a esperança de que alguém iria chegar a qualquer momento. As personagens velhas expressam seus sentimentos e como cada uma lida com a solidão, através de expressões corporais e grunhidos, inicialmente sentadas e depois com deslocamentos lentos, interrompidos por movimentos intercalados com peso forte e leve. São utilizadas três cadeiras para compor a cena, com as quais são realizados movimentos explorando os níveis alto, médio e baixo e giros.

Para melhor entender alguns fatores históricos, sociais e culturais que influenciam na forma de envelhecer das mulheres, uma importante fonte de

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

pesquisa foi a obra “O Desaparecer de Si”, de David Le Breton. O objetivo do autor neste livro foi estudar “[...] o envelhecimento que se tornou um fardo e culminou em uma espécie de desaparecimento progressivo de si.” (2018, p. 147).

Nesta primeira parte da pesquisa, procuramos expressar através da dança, o envelhecimento solitário de algumas mulheres, e como isso se tornou um peso, através dos seguintes procedimentos: discussão sobre algumas leituras realizadas sobre o envelhecimento e relação com as observações feitas na experiência familiar e social e nas entrevistas; realização de jogos de dança, criando possibilidades de movimentações a partir dessas narrativas; criação e caracterização de cada personagem velha feita por cada bailarino; realização de contato improvisação, um sentindo o corpo do outro; improvisações e seleção de movimentos lentos caracterizando a velhice e o peso de existir; exploração das partes do corpo e possibilidades de cada bailarino; exploração de expressões e gestos relacionados ao sofrimento e a esperança de que alguém vai chegar e acabar com a solidão. A cena se desenrola com as três velhas, sentadas nas cadeiras, lembrando-se dos filhos. Aqui trouxemos para a cena uma narrativa da entrevista em que uma das entrevistadas disse ter muitas lembranças dos filhos e da casa cheia de gente. Ao som do tique taque do trem, iniciam movimentos lentos tentando chegar e disputando a janela, que também se inspirou em uma entrevista em que é feito o relato de ir para a janela olhar a rua, olhar as pessoas que passam e ver se alguém vai chegar. Esses movimentos se cruzam de forma a tentar impedir que cada uma chegue na janela, explorando os níveis e as articulações, evidenciando as limitações físicas do corpo na velhice (dificuldade para enxergar, ouvir, para se locomover...). Nessa parte da obra procuramos retratar o que muitas mulheres velhas passaram e estão passando em momento de pandemia e o impacto que isso teve sobre sua relação com o desejo de viver.

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Na segunda parte, intitulada “Infartada de Solidão”, a personagem vive a sua juventude e através da linguagem do corpo, mostra os conflitos vividos nesse período, como a sensação de perda da sua juventude, o amor e a traição. As rupturas com os padrões definidos para a mulher ficam visíveis na exploração de gestos e movimento. Os infartos simbólicos são revestidos do peso que é o enfrentamento da solidão.

Conforme Cassiana da Rocha Gonçalves (2021, p. 15)

> Meus questionamentos me direcionaram para uma identificação com o movimento feminista. Conforme Simone de Beauvoir (1949), grande representante desse movimento, não nascemos mulher, nos tornamos mulher, independente do sexo biológico, rompendo assim com o determinismo e desconstruindo as definições construídas ao longo da história.

Aline da Silva Pinto, refletindo sobre a posição da mulher na sociedade afirma que elas, “assumindo a posição de escuta, caladas aprenderam a suprimir as vozes de seus corpos por meio de um disciplinamento minuciosamente passado de mães para filhas, num consentimento à sua anulação nos contextos sociais e políticos.” (2015, p. 509).

Nesse solo, buscamos expressar através da dança o estudo sobre a história das mulheres que tiveram sua voz suprimida, também por meio da domesticação de seus corpos. Os movimentos criados na coreografia tentam mostrar, através da crueza da expressão, que não se deixou moldar por padrões e modelos a seguir, por exemplo, da mulher submissa, dócil e delicada. É possível relacionar o olhar imponente e os movimentos de debruçar-se sobre si da bailarina com o não aceitar a anulação de si mesma e a valorização dos processos individuais de cada mulher.

Concordando com Pinto (2015), penso que a posição de escuta da mulher a coloca num lugar na família em que sua voz, silenciada ao longo de sua juventude e

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

idade adulta, quando chega à velhice, também é silenciada, através do abandono, que muitas vezes é legitimado por algumas mulheres velhas, quando arranjam desculpas para a falta de compromisso e atenção dos filhos e filhas nessa fase de suas vidas, o que também apareceu em uma das entrevistas. Mais uma vez os outros falam por ela, de que já está caduca e sua fala na família já não tem tanta importância. Para Michelle Perrot (2007, p. 91), "O saber é, contrário à feminilidade. Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra."

A terceira parte, intitulada "Migalhas", aborda as vivências da idade adulta, nas quais a personagem revive através do sonho, fatos dolorosos dessa fase da sua vida, num processo de elaboração dos mesmos. Sua voz que antes não era ouvida, agora tem força para transformar as experiências difíceis em migalhas. Utilizamos para a criação movimentos e expressões faciais relacionados às limitações sofridas por algumas mulheres na velhice. Ainda, a personagem aprofunda a expressividade valendo-se de movimentos simultâneos com as articulações, criando uma espécie de ritual de superação. Para Le Breton (2018, p. 144), "[...] uma série de lutos minúsculos ocorre na relação com o mundo, já que as capacidades se atenuam lentamente no plano dos movimentos, da resistência, do desejo, da memória, da visão e da audição."

A quarta parte, nomeada "Iludindo a Solidão", trata-se da permanência da personagem na fase da velhice. Mesmo abandonada, busca momentos de júbilo, permeados de solidão e felicidade. Nessa parte, a personagem, assim como as entrevistadas, consegue lidar com a solidão, tentando encarar o momento da velhice como natural e com possibilidades de felicidade. As duas entrevistadas narraram que se acostumaram a ficar sozinhas, ter a sua casa, sua rotina e seu espaço, mas

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

também valorizam a convivência com a família. Após um período de convivência com os filhos e filhas, segundo uma delas, “enfim sós.”

Conforme Le Breton (2018), envelhecer não é uma questão de idade, mas do tipo de relação que a pessoa estabelece com o mundo e ao seu grau de apego à vida. Percebemos nas duas entrevistas a busca de uma relação positiva com a vida, mantendo-se ocupadas e não dando espaço para a solidão. Na quarta parte, ao iludir a solidão, a personagem realiza movimentos de brincadeiras de sua infância (de avião e de carrinho), imagina que está colhendo flores e brinca de dançar. Assim como as entrevistadas, ao dizerem que se acostumaram com a solidão, a iludem e preenchem o espaço vazio com lembranças de sua infância. Segundo uma delas: “Eu passo o dia todo me ocupando. Se eu paro eu penso, se eu penso, eu choro. Me acostumei a ficar só. Feliz é quem tem a casa cheia de gente.”

> O envelhecimento implica um remanejamento de si e da relação com o mundo para conformar-se com as capacidades físicas cambiantes, com uma sociabilidade que se transforma com o uso do tempo que não é mais o de outros tempos, com um entorno tecnológico difícil de manejar e que não cessa de transformar-se, com o frequente sentimento de uma defasagem diante de um mundo intrigante. Ninguém sabe onde sua velhice o leva. (LE BRETON, 2018, p. 143-144)

Para Perrot (2007), ao longo da história das mulheres, elas têm sido imaginadas e representadas pelos homens, ao invés de terem sido descritas ou contadas. “Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas [...]” (PERROT, 2007, p.17). Assim, chegando à velhice, após ter percorrido um caminho de profundas desigualdades, sem o poder da palavra, a mulher é muitas vezes abandonada, sem as condições mínimas para poder ter autonomia e inserção social.

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Concomitante a ter a palavra negada, também padrões corporais são determinados para a mulher, sendo exaltada a juventude e a necessidade de manter o corpo jovem. O comportamento recatado e delicado, a destinação ao casamento, à maternidade e às tarefas domésticas são expectativas em relação à mulher, a partir de uma percepção masculina e não do seu próprio olhar. Chegando à velhice, conforme Colling e Pinto (2020, p. 67), "A mulher que não é mais capaz de ter filhos, que perde o viço da pele, não tem mais lugar. A vida humana continua pautada a partir de um olhar masculino, construindo subjetividades que exibem facetas da aceitação de uma condição secundária."

Sibilia (2012, apud COLLING E PINTO, 2020, p. 71), considera que

> [...] a velhice é um direito negado. A velhice é algo censurado como algo obsceno e vergonhoso que deveria permanecer oculto fora de cena. Um corpo digno de ser humilhado que não deve ser exibido, mas dissimulado. Especialmente o corpo feminino. Estranho paradoxo, a luta pela vida e o medo de envelhecer. Todos nós temos somente uma certeza em nossa vida – nossa finitude. E quem não morre precocemente, envelhece.

A partir desta perspectiva, pode-se refletir sobre o porquê existe o abandono na velhice, o que nos remete para o conto "O Grande Passeio", de Clarice Lispector (1998), que aborda o abandono da mulher na velhice, a partir da personagem Mocinha, uma velha, que perambula de uma casa a outra, sendo rejeitada, até o momento em que morre completamente sozinha.

Tal profundidade da leitura da obra de Lispector (1998) nos desafia a pensar sobre o conceito de gênero e sobre a estrutura fundante de nossa sociedade, que leva uma pessoa ao destino semelhante ao da personagem Mocinha. Scott (1990, apud COLLING E PINTO, 2020, p. 73) afirma que, "[...] falar em gênero em vez de falar em sexo indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção social e política."

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Assim, as questões de gênero presentes na história das mulheres, como ter a palavra negada e sua vida pautada pelo olhar masculino, definem as relações de poder e influenciam diretamente as formas de viver, envelhecer e morrer em nossa sociedade. Trazer essas reflexões para o processo criativo foi e está sendo um desafio, assim como indica Mônica Dantas:

> Num processo de criação, os bailarinos devem ser provocados, incitados, desafiados. Devem ser chamados a resolver problemas. Seus corpos devem ser convidados a se desacomodarem e a proporem soluções, porque o processo se dá nestes corpos e é nestes corpos que a obra se realiza. Os corpos vão formando a coreografia, que também os vai transformando. Coreografar, transformar movimentos em movimentos de dança, implica também aproveitar as surpresas e sugestões que os bailarinos trazem, implica alimentar-se da disponibilidade, mas também das resistências que os corpos oferecem. (DANTAS, 1999, p. 104)

Durante os ensaios de criação, muitas propostas de improvisações desencadearam algo totalmente inesperado, na medida em que os intérpretes bailarinos traziam suas vivências. Por exemplo, diante da proposta de improvisar movimentos que falassem de solidão, surgiram movimentos resultantes de fincadas simbólicas por todo o corpo, movimentos arranhando o corpo e o chão e movimentos sentados no chão formando formas que lembravam animais.

Assim, propomos as improvisações a partir do tema da solidão feminina, motivados pelas falas das entrevistadas e considerando as bagagens emocionais e de movimentos dos bailarinos. Concordando com Dantas (1999), no processo de criação da coreografia, trabalhamos com os nossos corpos e possibilidades de movimento, agregando outras formas de se movimentar, deslocar pelo espaço, correr, subir e descer, sentar, deitar, girar, rolar... Foi e está sendo possível nessa pesquisa, a constante recriação de nossas formas corporais, de nossas disponibilidades e resistências corporais, possibilitando o surgimento de movimentos

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

inusitados. Por exemplo, surgiram movimentos com o olhar, com a boca e sobrancelhas que culminavam em um movimento que sugeria um vomitar, acompanhado de um tremor do corpo abaixando-se e simbolicamente cobrindo-se de terra, sugerindo um ritual de defesa e proteção.

A artista afirma que a ação formativa em dança ocorre tanto nos processos de criação, quanto numa apresentação. Neste processo estamos vivenciando infinitas possibilidades de expressão, buscando aprimorar os movimentos nos ensaios, ao mesmo tempo em que realizamos a sua seleção para a criação coreográfica. Conforme Dantas (1999, p. 105), “Os processos de formatividade trazem, então, possibilidades de escuta e de brechas, de novos aprendizados, de desdobramentos do que já é conhecido, de redescoberta do que foi digerido.”

A obra se alimenta dos referenciais do feminismo, tendo presente conteúdos das lutas das histórias das mulheres, resistência aos padrões sociais impostos e emancipação das personagens frente aos seus contextos de vida. Contextos estes, que no decorrer desta pesquisa observamos que dependem de como as mulheres se relacionam com o mundo e com os seus sonhos ao chegarem à velhice. O progressivo (re)existir para não desaparecer de si.

Referências:

COLLING, Ana Maria; PINTO, Aline da Silva. A invisibilidade das mulheres velhas: interlocuções entre gênero e geração. In: BRANCHER, Vantoir Roberto; COLLING, Ana Maria; PORTO, Eliane Quincozes. *Caminhos Possíveis a Inclusão V: gêneros, (trans)gêneros e educação - alguns enfrentamentos*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 62-73.

DANTAS, Mônica. *Dança: O enigma do movimento*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1999.



GONÇALVES, Cassiana da Rocha. *Revirando minha ancestralidade: Dança na prática de uma professora artista.* Apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Montenegro, 2021.

LE BRETON, David*. Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

LISPECTOR, Clarice. O Grande Passeio. In: LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 29-38.

PERROT, Michelle*. Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PINTO, Aline da Silva. Palavras – Silêncio. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. *Dicionário crítico de gênero.* – Dourados: Ed. UFGD, 2015. p. 508-510.

GONÇALVES, Cassiana da Rocha; LOPES, Sílvia da Silva. Experimentos em dança na Pandemia: solidões regurgitadas e interseccionadas em movimento. Anais... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-11, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.